

Quatro ideias para pensar educações sensíveis por narrativas multiespécies¹

Maria Carolina Alves²

Marina Vargas Tomaz³

Daniela Franco Carvalho⁴

RESUMO

Frente ao colapso das epistemologias modernas, o documentário “Professor Polvo” é acionado como narrativa potente de sentidos possíveis em enunciados multiespécies. Elaboramos compreensões educativas tensionadas pelos termos fundantes *tempo*, *confiança*, *sonho* e *experiência* a partir da metodologia narrativa de orientação dialógica e tentacular. Entrelaçamentos dialógicos de cenas, mobilizadas para refletir modos de agir e pensar-com seres humanos, não humanos e mais-que-humanos, deslocam compreensões educativas no antropoceno e abrem espaço para fabulações tentaculares de educabilidades possíveis em assembleias multiespécies mediante a escuta e a interação sensível de uma narrativa cinematográfica capaz de acionar a reflexão de modo a reconhecer a totalidade dos sujeitos envolvidos com atenção, confiança, esperança e experiência de corpo inteiro nos contextos educativos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Perspectiva multiespécies. Pensamento tentacular.

¹ Publicação preliminar em forma de resumo foi apresentada no evento “II Mudanças Climáticas: arte, museus e educação” em 2024 sob o título de “Professor Polvo: um olhar para educações multiespécie”. Disponível em www.amplianarede.com.br/anais-de-evento.

² Doutoranda em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6233-0804>. E-mail: mariaalves@ufu.br.

³ Doutoranda em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6281-6262>. E-mail: marina.tomaz@ufu.br.

⁴ Doutora em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4476-7903>. E-mail: danielafranco@ufu.br.

Four ideas for thinking sensitive educations through multispecies narratives

ABSTRACT

In the face of the collapse of modern epistemologies, the documentary “My Octopus Teacher” is activated as a powerful narrative of possible meanings within multispecies enunciations. We develop educational understandings shaped by the foundational concepts of time, trust, dreaming, and experience, drawing from a narrative methodology grounded in dialogical and tentacular orientations. Dialogical entanglements of selected scenes - mobilized to reflect on ways of acting and thinking-with human, non-human, and more-than-human beings - displace conventional educational understandings in the Anthropocene and open space for tentacular fabulations of possible forms of educability in multispecies assemblies. These emerge through the sensitive listening and interaction afforded by a cinematic narrative capable of sparking reflection that acknowledges the full presence of all subjects involved—with attentiveness, trust, hope, and whole-bodied experience in educational contexts.

KEYWORDS: Education. Multispecies perspective. Tentacular thinking.

Cuatro propuestas para repensar la educación sensible a través de narrativas multiespecie

RESUMEN

Frente al colapso de las epistemologías modernas, el documental “Mi Maestro el Pulpo” se activa como una narrativa potente de sentidos posibles enunciados desde una perspectiva multiespecie. Elaboramos comprensiones educativas tensionadas por los conceptos fundamentales de tiempo, confianza, sueño y experiencia, a partir de una metodología narrativa de orientación dialógica y tentacular. Los entrelazamientos dialógicos de escenas - movilizadas para reflexionar sobre modos de actuar y pensar-con seres humanos, no humanos y más-que-humanos - desplazan comprensiones educativas en el Antropoceno y abren espacio para fabulaciones tentaculares de educabilidades posibles en asambleas multiespecie, mediante la escucha y la interacción sensible con una narrativa cinematográfica capaz de activar la reflexión y reconocer la

totalidad de los sujetos implicados, con atención, confianza, esperanza y experiencia de cuerpo entero en contextos educativos.

PALABRAS CLAVE: Educación. Perspectiva multiespecie. Pensamiento tentacular.

* * *

Importa quais pensamentos pensam pensamentos. Devemos pensar!
Donna J. Haraway⁵

E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.
Ailton Krenak

Introdução

Na perspectiva de Mikhail Bakhtin, criações como “Professor Polvo”⁶ integram a cadeia dialógica, criativa e subjetiva dos sujeitos falantes, participativos, e integrantes da sociedade. As produções culturais apresentam a marca do Grande Tempo de maneira ininterrupta em constante reelaboração. Elas são carregadas de singularidade, são abertas e capazes de remodelar sentidos e compreensões a partir de relações dialógicas e seus contextos de criação e recepção (Bakhtin, 2017).

Uma criação é um produto da criatividade subjetiva do pensamento humano que produz significados na cadeia dialógica sem fronteiras entre passado, presente e futuro, integra enunciados cotidianos e produções mais elaboradas, como o caso do discurso científico e de produções cinematográficas (Bakhtin, 2017). Nesse sentido, criações, quando regidas por elementos ideológicos e estéticos, podem ser propulsoras de pensamentos e de novidades.

⁵ Em Haraway (2023, p. 116). Essa frase faz referência à expressão “*think we must*”, de Virginia Woolf, na obra “Três Guinéus”, com quem Haraway dialoga enquanto composição teórica no capítulo “Pensamento Tentacular” de sua obra “Ficar com o problema: fazer parente no Chthluceno”.

⁶ Professor Polvo (2020) é um documentário disponível na plataforma *Netflix*. O uso de imagens e personagens nesta publicação acadêmica, gratuita e sem fins lucrativos, está amparado pelo Art. 46, III, da Lei nº 9.610/1998, que permite a reprodução de trechos de obras protegidas para fins de estudo e crítica. Caso os detentores dos direitos autorais discordem da utilização aqui apresentada, as autoras se colocam à disposição para realizar quaisquer adequações necessárias.

Aqui, seguimos com Volóchinov (2017) a partir do entendimento de que o estético está no campo daquilo que é criativo, ética e responsabilmente criado em comunicação interna e para com o interlocutor em determinado contexto, ao passo que a ideologia cotidiana perpassa o discurso enquanto tensão avaliativa mais ou menos cristalizada.

Essa avaliação leva em conta a associação entre aspectos emotivo-volitivos no contato dialógico e polifônico do processo enunciativo. São critérios da ordem do acontecimento e do encontro que nos levaram a selecionar a obra que aqui trazemos como ecossistema do pensamento disparado por diálogos do narrador, de modo a tecer educabilidades possíveis a partir da escuta e interação sensível de uma narrativa multiespécie mediada pelo cinema.

A obra, que enuncia o ganho de complexidade do narrador Craig Foster sobre si, sua realidade relatada e a interação entre um humano e um polvo fêmea, pode contribuir com outros modos de pensar a educação que escapam da lógica dicotômica humano/não humano e homem/natureza, pois, de acordo com Volóchinov (2017), produções estéticas complexas adentram a vivência do interlocutor e o convocam para a criação, reelaboração e reavaliação do próprio cotidiano no interior da consciência.

Distante do entendimento de que a experiência dialógica com o documentário se encerra nesta produção, o mobilizamos como ponto de inflexão para refletir sobre modos de aprender e ensinar com um mundo vivo e com espécies companheiras, em chave narrativa, dialógica e tentacular por meio da pesquisa narrativa.

A pesquisa narrativa é “uma tentativa de fazer sentido da vida como vivida” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 116). Pensar narrativamente significa considerar o território intelectual de outros modos de pensamento em meio a tensões formalistas e reducionistas. Inseridas no percurso da pesquisa narrativa, levamos em conta o fazer-com pessoas, criaturas, teorias, temporalidades e espaços, em constante movimento de ir e vir no arcabouço metodológico: entre textos de campo e textos de pesquisa.

Apresentamos um exercício da experiência que assume os termos de pesquisa encarnados em quatro ideias moventes dialogadas com o documentário: “tempo”, “confiança”, “sonho” e “experiência”. Dessa forma, costuramos palavras nossas com as de Craig, procurando por aquilo que se pode levar para a educação da narrativa e dos aprendizados dele e de sua professora polvo, a fim de reelaborar, a partir da metodologia narrativa, compreensões educativas balizadas pelo interesse, olhar atento e negociações do que se pode aprender em comunicação o outro, humano, não humano e mais que humano.

A investigação narrativa sob a perspectiva da filosofia da expressão de Bakhtin e seu círculo intelectual destaca a complexidade do ato bilateral entre aquilo que é cognoscente e cognoscível. Desse modo, a configuração do conhecimento dialógico e concreto se dá no excedente da relação eu-outro; se dá, também, no encontro, na historicidade, na criação, na avaliação, na imanência (Bakhtin, 2017). Polissemia e polifonia estabelecem interlocuções na radicalidade da palavra e da criação, possibilitando outras compreensões: o novo que emerge do conhecido e do repetido, conscientemente reinscrito em uma cadeia infinita de sentidos. Em correlacionamentos.

Portanto, reconhecemos o conhecimento como experiência sensível e responsável por meio de um compromisso afetivo e ético com a experiência estética propulsora de sentidos e de pensamentos inquietantes. Pode a escuta, situada com uma narrativa multiespécie, convocar reelaborações sensíveis e críticas sobre modos de aprender e ensinar em permeabilidades mais-que-humanas?

Diante dessa indagação e do colapso das epistemologias modernas, tornam-se urgentes novos modos de pensar e agir que rompam com os dualismos segregadores. No tempo das catástrofes, do humano como força planetária e cosmológica, posicionamo-nos perante a necessária quebra do excepcionalismo humano no Antropoceno e experimentamos, com diferentes campos teóricos, nossas existências singulares em assembléias multiespécies e em comunhão alteritária.

Essa atividade cosmológica e simpoiética proposta por Haraway (2023, p. 67) extrapola as temporalidades e espacialidades, e, “em recursividades gerativas que constituem formas de viver e morrer” o individualismo se abre para agenciamentos que cultivam a responsabilidade. Uma ecologia de práticas de vida, e não de morte, de vínculos significativos com seres de todo tipo.

Para isso, é preciso o compromisso afetivo e ético com as experiências vividas no tempo de urgências e descontinuidades que renunciam à capacidade de pensar. Uma vez que “o mundo não importa para a insensibilidade comum” (Haraway, 2023, p. 72), não podemos renunciar a capacidade de pensar-com as espécies companheiras, cuja tarefa é não terminar a contação de histórias, pois narrá-las é essencial para a prática do pensamento correlacionado.

Stengers (2015, p. 21), ao indagar acerca da força coletiva de trabalho “que despertariam o gosto por cooperações exigentes [...] contra a avaliação que separa e julga” na sociedade e na escola, corrobora a repercussão do pensamento e da experiência “que alguns realizam, aprendem, fazem existir, se torne outros tantos recursos e possibilidades experimentais para outros” (Stengers, 2015, p. 148).

Esboçamos, então, sentidos não prescritivos para educações possíveis. Intencionamos, ao compôr com a experiência singular e situada no campo da educação, elaborar saberes emergentes no contexto dialógico da práxis educacional, que fermentam noções a respeito da riqueza transbordante de um mundo vivo. Para isso, aliamos-nos à epistemologia e cosmopolítica de Stengers (2015), por meio do ato-pensamento dialógico de Bakhtin (2017) e das perspectivas ontológicas multiespécies do pensamento tentacular de Haraway (2023). Entrelaçamentos dialógicos das cenas-questionamentos da narrativa de Craig Foster, articuladas aos termos fundantes, podem deslocar compreensões educativas antropocêntricas e abrir espaço para fabulações tentaculares de educações possíveis?

O tempo

FIGURA 1: Há algo para aprender aqui



Fonte: “Professor Polvo”. Direção de Pippa Ehrlich e James Reed. Estados Unidos: Netflix, 2020. 13’59”

A experiência estética convoca-nos a um tempo lento. Tempo lento de olhar atento e escuta ativa. Assim, nos posicionamos na deriva em meio aos textos de campo polifônico com o narrador no momento em que ele se dá conta: Há algo para aprender aqui. Que tempo é esse que dispomos em contaminações corriqueiras? Que tempo é esse que notamos em (e por) criações? Que tempo é esse que nos permite estar em permeabilidade não-humana? O tempo do encontro, das disputas, das catástrofes, da liberdade, da alteridade, e... e... e...

Craig mergulhou por 365 dias porque havia algo para aprender ali. Em interação com sua professora polvo, houve abundância e horizontalidade de um tempo que, em sua singularidade, se faz diferente e alteritariamente significativo. Isso é, pertence às temporalidades e aos “outros ritmos do processo coligado” das espécies companheiras, o que compreende, também,

“todas as possibilidades ativadas no devir-com, incluindo as escalas heterogêneas do tempo evolutivo para todos” (Haraway, 2022, p. 34).

Na dimensão do tempo podemos dizer mais do que as horas, a carga horária, as tarefas, o momento apropriado de brincar, estudar e trabalhar. Pensamos aqui com um tempo-narrador intrínseco, que pulsa e se manifesta em cada instante da existência. Ele não se detém, mas se move em fluxos diversos, ora acelerados, ora arrastados. Mais do que uma medida cronológica, o tempo convida-nos à abertura para o novo, uma dimensão amorosamente produtiva de ser e estar orientada pelos sentidos, pelas impressões percebidas em brevidade, em impermanência.

Assim parece ter sido com Craig em Professor Polvo durante as visitas noturnas quando tentava encontrar o novo ninho da Polva. Nesse momento, ele nos evoca uma orientação pelos sentidos perante a escuridão (e imensidão) do oceano. Em contratempo não linear, essa orientação requer atenção aos detalhes e previsão de momentos únicos. É da unicidade do tempo, também, a impermanência, o respeito àquilo que está de passagem e não permanece e a brevidade da vida de um polvo que nasceu, viveu e morreu independente de seus vínculos humanos. O tempo é um compromisso consigo mesmo e com as outras “inúmeras espécies vivas que levamos conosco para a catástrofe” (Stengers, 2015, p. 35).

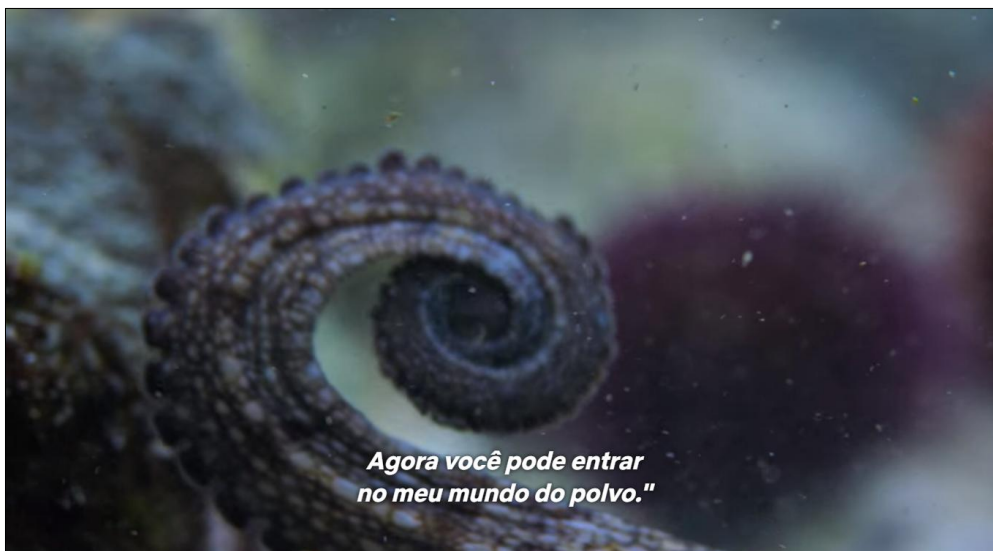
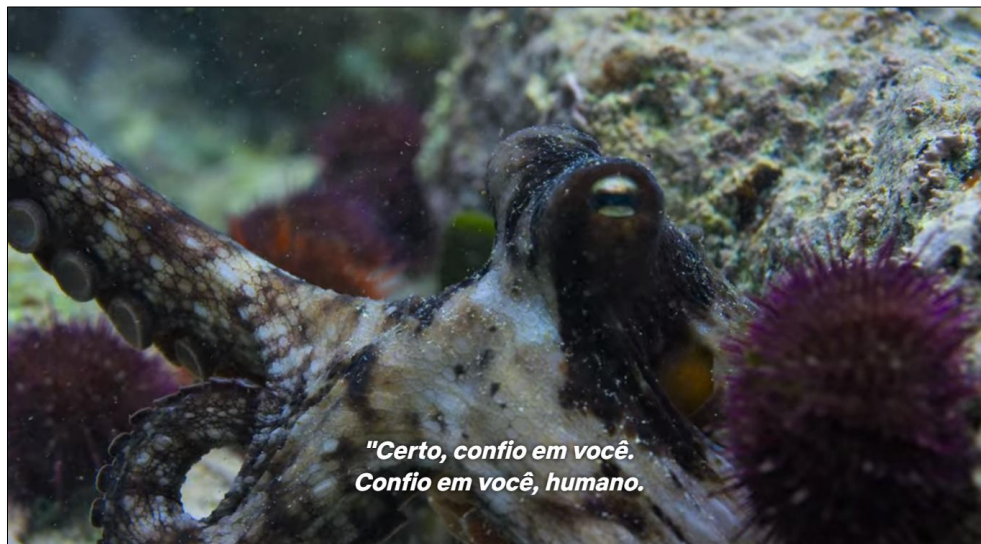
Conforme Donna Haraway (2023) propõe com seu pensamento tentacular, a urgência de nossos tempos exige histórias e criações que permitam tecer responsabilidades entre seres, fomentando convergências e zonas de contato ubíquas e contínuas que possibilitem a atividade simpoiética e sim-bio-gênica. A autora reitera: importam pensamentos que pensam pensamentos, conhecimentos que conhecem conhecimentos e mundos que mundificam mundos, e essa atividade exige emparelhamento até o fim.

Das identidades corriqueiras emergentes e apreciadas “permanecem sempre uma teia relacional aberta para passados, presentes e futuros não euclidianos” (Haraway, 2022, p. 42). Assim, elas contribuem para a concretude dos enunciados a partir das relações e da “simultaneidade do

vivenciamento da arte e do estudo da ciência” (Bakhtin, 2017, p. 41) de um sujeito cuja a práxis educativa (Freire, 1996) age em zonas fronteiriças ao longo do acontecimento inacabável e cronotrópico: ato que ressoa no espaço-tempo vivido dialogicamente durante o presente, diante do passado imediato e do futuro desejado. Diante de sonhos possíveis.

A confiança

FIGURA 2: Eu confio em você, e agora você pode entrar no meu mundo



Fonte: “Professor Polvo”. Direção de Pippa Ehrlich e James Reed. Estados Unidos: Netflix, 2020. 29’02”.

Um espaço outro, um gesto pouco costumeiro, situações desafiadoras, entreolhar seres estrangeiros e viajantes, e experienciar mudanças. Deslocamentos, por vezes, causam estranhamento e pedem um olhar mais atento e sensível, uma aproximação de algo que lhe possibilite acolhimento, margem, e lhe proporcione o sentimento de confiança.

O encontro com o outro é, em si, uma experiência educativa/educadora. No documentário, acompanhamos a narrativa que se passa no fundo do mar, numa floresta de algas no Cabo da Boa Esperança, no litoral da África do Sul, envolta em descobertas e aprendizado, que se mostraram possíveis graças a um desnudar de conhecimentos apriorísticos e a uma gentil entrega à experiência e ao mistério. Os dois personagens envolvidos nessa relação multiespécie contam-nos acerca de uma crença, não sem apreensão, no encontro enquanto potência de aprendizado. Craig e a Polva nos provocam e convocam como testemunhas de um improvável caso de interação afetiva, desdobrando-se em laços de amizade e confiança.

No entanto, não é possível ensinar confiança. Nesse ponto, Professor Polvo é primoroso. Partindo de seu desejo de se sentir parte daquele ambiente Craig, no percurso da experiência, vislumbra a alteridade. Uma comunicação com o outro que nem humano é, e, mesmo assim, oferece tamanhas semelhanças. Isso somente é possível no desejo de pertencimento em meio à tantas negociações. O documentário mostra, também, a dimensão da consequência de quando a confiança é quebrada, e o retorno das negociações relacionais que não mais, ou pelo menos não necessariamente, serão as mesmas que levaram à determinado formato de relação.

De acordo com Donna Haraway (2022, p. 350):

[...] os encontros nos fazem quem e o que somos nas ávidas zonas de contato que são o mundo. Uma vez que “nós” nos encontramos, nunca mais poderemos ser “os mesmos”.

Impelidos pela obrigação saborosa, mas arriscada, da curiosidade entre as espécies companheiras, uma vez que sabemos, não podemos não saber. Se soubermos bem, procurando com dedolhos, nos importamos. É assim que a responsabilidade cresce.

O sentimento de confiança em processos de encontro e busca, como a Educação, não está posto, ao contrário, é construído paulatinamente, em regime de cooperação e entrega. Paulo Freire convoca-nos a pensar a educação sob o prisma da ética, do afeto e da escuta como pontos basilares da relação entre educando e educador. O pensador afirma que se move como educador porque, primeiro, se move como gente e que não existe docência sem discência (Freire, 1996), duas frases que nos indicam a postura dialógica do pensamento freireano frente ao processo educacional que reconhece o respeito à autonomia e à dignidade dos estudantes, como um “imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (Freire, 1996, p. 31).

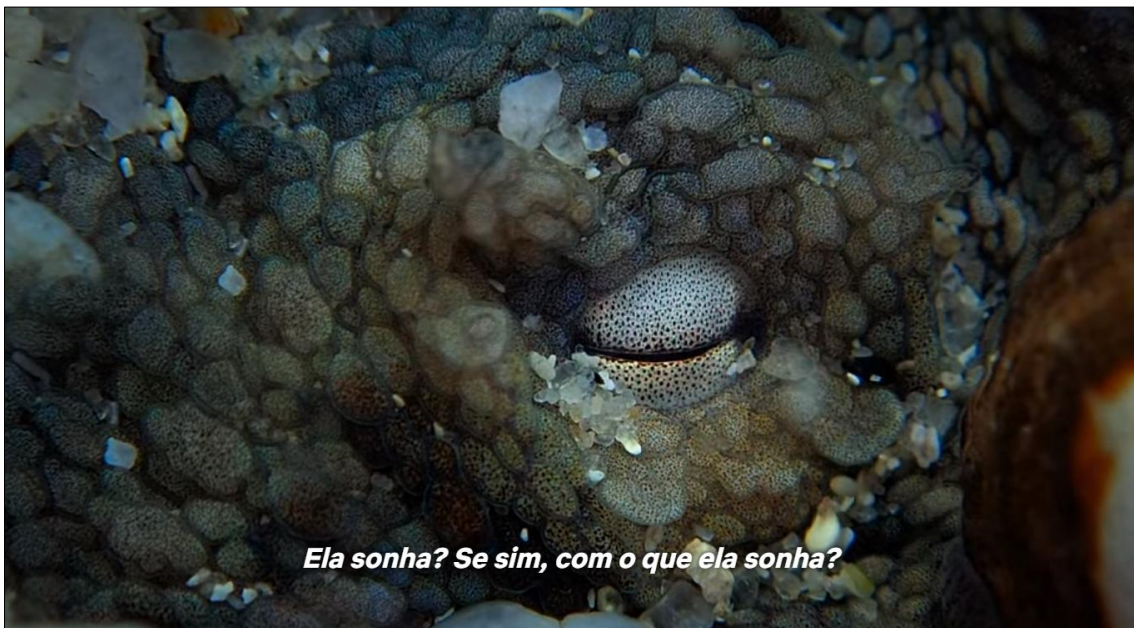
Outro fundamento pertinente ao tema da construção da confiança aponta a necessidade do reconhecimento do inacabamento do outro, para que a dialogicidade aconteça significativamente. Reconhecer no outro a diferença enquanto potência concede verdade ao processo de aprender e ensinar, assim como reconhecer em si o espaço a ser preenchido por outros tantos saberes, também amplia e fortalece a ética entre os sujeitos que aprendem ao ensinar e ensinam quando aprendem, se retroalimentando. A concepção freireana, tão dinâmica quanto fluída de que o mundo não é, mas está, embasa esta reflexão acerca da confiança, alargando-a. Ainda nas palavras de Paulo Freire:

ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria [...] É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido (Freire, 1996, p. 73).

Se é pelo corpo que experienciamos e apreendemos o mundo, a questão da diferença se faz ainda mais sensível no sentido de fundar e proporcionar espaços reais de aprendizagem e convivência. Sem a consciência da ética e da alteridade enquanto pilares das relações, o discurso é esvaziado de sentido, cumprindo, assim, com a agenda da monocultura do saber e do sentir, padronizando processos e igualando corpos, seus contextos e histórias. Ao contrário, a confiança acolhe as diferentes existências, privilegiando seus percalços, suas camadas e entrelinhas.

O Sonho

FIGURA 3: Ela sonha? Se sim, com o que ela sonha?



Fonte: “Professor Polvo”. Direção de Pippa Ehrlich e James Reed. Estados Unidos: Netflix, 2020. 33’45”.

Em meio a fugacidade do tempo e a densidade da confiança, contemplamos o sonhar com suporte multi-referencial. Buscamos adensar os sonhos como aquilo que nos tira do chão em esperar profundo que emerge em acontecimentos corriqueiros intencionais, em desejo, alegria e

resistência com Paulo Freire (1996; 2015). O sonho, o inédito-viável e a utopia são centrais em suas obras e orientam a práxis crítica e politicamente implicada proposta pelo célebre autor. Freire (2015) denuncia as doutrinas neoliberais eliminadoras de sonhos e defende a educação como prática viável para criar contextos que se localizam no campo da possibilidade, não da certeza, e fogem das percepções fatalistas. Assim, podemos manter vivos os nossos sonhos.

No cenário contemporâneo de questionamentos sobre as crises civilizatórias, o pensamento de Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor, emerge como uma voz fundamental diante da urgência de repensar modos de existência para além das lógicas hegemônicas e da barbárie. O autor institui o sonhar como “exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia” (Krenak, 2019, p. 33), algo distante da ideia de abdicar-se da realidade mas que se abre como possibilidade.

Mais que fabulação especulativa, é uma prática situada em abertura para o novo, para outras cosmovisões e tradições. Os sonhos nos dão pistas daquilo que é potente, infinito e transformador. Para além de uma experiência onírica, a instituição do sonho está relacionada a um caminho de aprendizado e autoconhecimento pela vida, “à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos [...], e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas” (Krenak, 2019, p. 33).

Por isso, para Krenak (2019), os sonhos são modos de seguir, de avançar em um lugar de sonho. São, também, uma experiência transcendente que implode o excepcionalismo humano e forja paraquedas para nosso tempo de ausências, o qual não tolera a capacidade de experienciar de corpo inteiro o prazer de estar vivo. Essas questões vão ao encontro da cosmopolítica de Stengers (2015, p. 104), uma vez que

a barbárie não teme a crítica. Ela se alimenta bem mais da destruição daquilo que retroativamente, aparece como sonho, utopia, ilusão, como aquilo a que a ‘realidade’ impõe renunciar. Ela triunfa quando tudo isso provoca risos ou suspiros.

Quando Craig encontra a Polva em estado de sono ativo⁷, movendo seu manto e mudando de cor, são despertados, nele, interesse e indagação: O que se passa pela cabeça dela? Em que ela está pensando? Ela sonha? Se sim, com o que ela sonha? De uma relação de confiança vemos emergir, com sensibilidade, o interesse imanente de uma vivência partilhada:

Prestar contas, cuidar, ser afetado e entrar na responsabilidade não são abstrações éticas; essas coisas mundanas e prosaicas são o resultado de nos envolvermos uns com os outros. O toque não torna alguém pequeno; salpica os parceiros com locais de vínculo para a mundificação. Tocar, considerar, devolver o olhar, devir-com... tudo isso nos torna responsáveis pelas maneiras imprevisíveis nas quais os mundos tomam forma (Haraway, 2022, p. 48).

Ao nos convidar a ficar com o problema no Chthluceno, esse tempo fatalístico, de ausências, de crises civilizatórias, da barbárie, das catástrofes, dos descontínuos e da criação, Donna Haraway (2023) desenvolve com os seres tentaculares pensamentos coletivos gerativos em práticas situadas. O Chthluceno tem a tarefa tentacular em compostar-se com uma multidão de companheiros “passados, presentes e futuros ainda possíveis” (Haraway, 2023, p. 116), e tem, na figura do humano, potência simpoiética.

Sonhar é ser composto, ser húmus. Algo que implica ter interesse mútuo, fazer e pensar-com como essenciais para narrar histórias e reimaginar o mundo de maneira relacional. Mediante a prática do pensamento tentacular

⁷ Os estados de “sono calmo” e “sono ativo” em polvos distinguem-se por limiares de excitação, cor e textura da pele, e movimento dos olhos e do manto (Medeiros *et al.*, 2021).

de Donna Haraway (2023), o compromisso de pensar, ser e estar, de modo situado e coletivo, é ficar com o problema natural-cultural multiespécie na terra. Nesse sentido, o exercício das espécies companheiras, cuja tarefa é nunca terminar a contação de histórias, e a alteridade significativa proposta pela autora, tem a potência de uma educação sonhadora e desejante. Tentacular. Companheira.

A experiência

FIGURA 4: Experiência tentacular



Fonte: “Professor Polvo”. Direção de Pippa Ehrlich e James Reed. Estados Unidos: Netflix, 2020. 34’40”.

A partir daquilo que nos atravessa e convoca, ao provocar lugares desconhecidos e repovoar memórias e habitares, a experiência é lugar de encontro (e partida) no processo pedagógico de existir. Assim como acontece entre o Professor Polvo e seu interlocutor, é no espaço entre as diferentes espécies, tempos e lugares que a experiência acontece. É na duração do encontro e além que se elabora e se compreende; é no encontro que esvaziamos e nos desorientamos de caminhos já sabidos para, então, criar tantos outros.

A experiência é campo de sentir e saber que acentua vitalidade na interpenetração de mundos e seres.

Para o pragmatismo de Dewey (2010), a experiência está integrada à vida concreta e cotidiana, vibra em durabilidades diversas com intensidades ímpares, diferindo-se daquelas que apenas, em tons pálidos, acontecem. Sua distinção está, de modo sensível e nada secreto da intensidade provocada nos corpos e superfícies, apresentando-se de forma evidente enquanto uma experiência de singularidade encarnada, afetiva e inconfundível. Sua unidade, segundo Dewey, é constituída por uma qualidade ímpar que perpassa a experiência inteira, a despeito das variações das partes que a compõem (Dewey, 2010, p. 112).

A relação experienciada por Polva e Craig apresenta-nos uma qualidade surpreendentemente dialógica, com etapas não lineares, mas encadeadas, ora investigativas – imersas em dúvida e espanto –, ora suspensas em contemplação e êxtase. Liberta da dicotomia homem–natureza, a experiência estética vivenciada pôde se aprofundar em camadas de sentir e saber a partir do outro e com o outro, no mundo ordinário das coisas e fenômenos, mas diferenciando-se significativamente da experiência comum “amiúde contagiada pela apatia, pela inércia e pelo estereótipo”, quando “o “mundo” fica presente demais em nós, como um fardo ou distração” (Dewey, 2010, p. 450).

O processo relacional entre os sujeitos humanos e seres multiespécies aponta acordos firmados por corpos de gestualidades e linguagens tão diversas quanto próximas. A experiência tentacular de se apropriar do mundo pelo sentir prolonga-se e multiplica-se na medida em que reconhece diferenças e finitudes e nelas se fundam. Para Bondía (2002, p. 26), “se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão”, não sendo possível captá-la a partir de uma lógica que não seja a da amorosidade, ou, “uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional”

Ainda para Bondía (2002), o saber da experiência é aquele que “se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”. Deixar impregnar-se na perspectiva do saber na e da experiência “não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (Bondía, 2002, p. 27).

O corpo, na perspectiva de uma educação multiespécies, é fio condutor da experiência e, assim como o processo, se debruça na interação com o outro, política e pedagogicamente, na medida em que resiste à lógica da separação homem/natureza e propõe novas formas horizontalizadas de encontro e convivência. Um corpo senciente, com tentáculos percebedores de sensibilidade, único e aberto aos encontros e à experiência.

Conclusão

Estar em imersão com um material com potência didática é considerá-lo um ecossistema do pensamento. A experiência estética para com o documentário, objeto cognoscente que afeta e sensibiliza pensamentos e interações emotivo-volitivas, conta-nos uma história por meio das palavras de Craig. Entrelaçamentos dialógicos das cenas-questionamentos, articuladas aos termos fundantes, deslocam compreensões educativas antropocêntricas e abrem espaço para fabulações tentaculares de educações possíveis.

Seguimos com a filosofia da língua de Bakhtin (2017) de modo a reconhecer, na rede de expressão inacabada do pensamento-acontecimento, em relação com o todo acabado, aquilo que integra a cadeia discursiva participativa do espectador-interlocutor. Desse modo, os sentidos e enunciados da criação cinematográfica inserem-se e propulsionam pensamentos e compreensões singulares, a serem reelaboradas via inquietação cognoscente.

A experiência estética é um acontecimento completo, com início, meio e fim. Ela se distingue por sua unidade: há um movimento interno que conecta as partes em um todo significativo. Diferente de experiências fragmentadas do cotidiano, a experiência estética tem continuidade e culminação. Ainda sobre temporalidades, não é possível delimitar ou qualificar a experiência por sua duração, que se registra no corpo do sujeito, significando e imprimindo sua importância pela intensidade sentida.

Isso acontece, porém, somente em abertura às sensibilizações; em abertura ao conhecimento generativo; em abertura às companhias inesperadas. Conhecer, como experiência sensível e responsável, de acordo com Haraway (2023), leva em conta as histórias contadas pelos envolvidos e as vinculações criativas e conscientes que nutrem práticas e pensamentos capazes de construir novos coletivos e modificações, nunca reduzidas e disparadas por si mesmas; nunca autopoéticas ou autoproduzidas que levem a algum lugar com limites temporais, espaciais e de tomada de decisão bem delimitados.

Por isso, assumimos o tempo, a confiança, o sonho e a experiência como termos fundantes que orientam a reflexão, inspirada no enredo, de maneira a reconhecer a totalidade dos sujeitos envolvidos, com confiança, esperança e experiência de corpo inteiro nos contextos educativos. Nesse sentido, a produção cinematográfica foi capaz de remodelar sentidos e compreensões, sendo propulsora de pensamento sobre aprender e ensinar (com) a natureza, o ambiente, o acontecimento e a comunicação singularizada que presta atenção ao tempo lento e particular de cada contexto, que estabeleça confiança de maneira responsável e verdadeira, que sonhe em desejo e criticidade e experiencie com tentáculos percebedores de sensibilidade.

Referências

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 2 fev. 2026.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research*. Tradução de Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: sabedoria necessária à prática educativa*. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz & Terra, 2015.
- HARAWAY, D. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno*. São Paulo: n-1 Edições, 2023.
- HARAWAY, D. *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MEDEIROS, S. L. S. *et al.* Cyclic alternation of quiet and active sleep states in the octopus. *iScience*, Cambridge, v. 24, n. 4, p. 102223, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.isci.2021.102223>. Acesso em: 17 maio 2025.
- STENGERS, I. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em Maio de 2025

Aprovado em Janeiro de 2026.